

Água no quintal, comida na mesa: a história de Maria da Conceição

A vida de Maria da Conceição Miranda é feita de continuidade. Não é uma história que começa em um ponto específico, mas uma trajetória que atravessa gerações, passando de pais para filhos e filha, de práticas aprendidas no cotidiano para escolhas que se renovam com o tempo. Aos 43 anos, moradora da Comunidade Travessão do Caruá, em Carnaíba, ela carrega consigo esse fio invisível que liga o passado ao presente: o saber de quem nasce, cresce e permanece na terra, mesmo quando tudo parece dificultar essa permanência.

Ela chegou à comunidade ainda muito pequena, com apenas dois anos de idade, acompanhando a família que buscava naquele território um lugar para viver. Foi ali que cresceu, vendo os pais lidarem com a roça, com os períodos de seca, com as incertezas do inverno e com a necessidade constante de adaptar o trabalho às condições da natureza. Aprendeu cedo que plantar no Semiárido não é apenas colocar a semente na terra, mas entender o tempo, observar o céu, respeitar o ritmo da água e, muitas vezes, insistir mesmo quando o resultado demora a aparecer.

Com o passar dos anos, Conceição construiu sua própria família e, ao lado do companheiro, iniciou um processo lento e persistente de conquista da terra. Antes de terem o espaço onde vivem hoje, passaram por experiências marcadas pela instabilidade, morando em propriedades de terceiros e pagando para permanecer nelas, enquanto tentavam produzir e guardar algum recurso. Foi nesse contexto que começaram a trabalhar com o cultivo de feijão e milho e, principalmente, com a coleta e comercialização da castanha de caju, atividade que até hoje representa uma das principais fontes de renda da família em determinados períodos do ano.

A conquista da terra própria não aconteceu de uma vez. Veio em etapas, com a compra de pequenos pedaços, ampliados aos poucos, conforme as condições permitiam. Cada área adquirida representava não apenas um avanço material, mas também uma afirmação de pertencimento.



“A gente foi trabalhando, construindo, e hoje nós estamos na casinha de nós” , diz, resumindo uma caminhada que exigiu anos de esforço e renúncia.

Foi nesse cenário que a chegada da cisterna calçadão, por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação do Semiárido Brasileiro, executado pela Diaconia, trouxe uma mudança significativa. A conquista veio através da associação quilombola da comunidade, reforçando o papel da organização coletiva no acesso às políticas públicas.

“Fui sorteada e, graças a Deus, consegui ganhar a cisterna”, conta Conceição, lembrando daquele momento como um divisor de águas na sua trajetória.

Com a água disponível para a produção, o quintal passou a ser reorganizado. O que antes era um espaço pouco aproveitado começou a ganhar forma e função. Conceição estruturou canteiros, cercou áreas, organizou o plantio e passou a cultivar uma diversidade de hortaliças que hoje fazem parte da rotina da casa. Coentro, cebolinha, alface, pimentão e diferentes tipos de pimenta passaram a ocupar o espaço, garantindo tempero e alimento fresco todos os dias.

“Faz nove meses que eu planto direto e nunca falta tempero na cozinha”, diz, destacando a constância da produção como um dos principais ganhos.

Essa produção, embora ainda em escala familiar, tem um impacto significativo. A alimentação da casa passou a ser mais diversificada, mais saudável e menos dependente de compras externas. O quintal deixou de ser apenas um espaço ao redor da casa e se transformou em uma área produtiva estratégica, onde cada canteiro cumpre uma função. O coentro, por exemplo, além de garantir o consumo diário, se tornou um dos principais produtos de comercialização.

Conceição já conseguiu organizar a venda de coentro em feiras da região, enviando caixas para comercialização e gerando uma renda complementar importante. Esse dinheiro, embora não seja fixo, contribui diretamente para as despesas da casa.

“Ajuda no lanchinho da menina, ajuda no café, ajuda em muita coisa”, explica.



Além da horta, a produção da propriedade envolve também a criação de animais, que complementa a alimentação e amplia as possibilidades de renda. Atualmente, ela mantém uma criação com oito galinhas, que garantem ovos para consumo e, eventualmente, para venda, e dois porcos, que representam uma reserva econômica importante para momentos de necessidade. Com o apoio do fomento, foi possível cercar parte do terreno e estruturar melhor essa criação, evitando perdas e garantindo maior controle sobre os animais.

Outro investimento importante foi na criação de bovinos. A compra de um bezerro, realizada com apoio do programa, acabou se transformando em dois animais, ampliando o patrimônio da família e criando uma perspectiva de renda futura. Esse tipo de estratégia revela uma lógica produtiva baseada na diversificação, na segurança e na capacidade de transformar pequenos recursos em oportunidades maiores.

A produção da família não se limita ao quintal. Na roça, Conceição e o companheiro seguem cultivando feijão, mandioca e outras culturas adaptadas ao Semiárido, além de manterem o trabalho com os cajueiros, cuja castanha continua sendo uma das principais fontes de renda em determinados períodos do ano. Durante a safra, a rotina se intensifica, com a coleta, beneficiamento e venda da castanha, atividade que exige esforço, mas garante um retorno importante.

O dia a dia reflete essa multiplicidade de atividades. Acordando cedo, ela inicia a rotina cuidando dos animais, organizando a casa e preparando a filha para a escola. Em seguida, segue para a roça, onde trabalha ao lado do companheiro, Lucélio Vieira da Silva, realizando tarefas que vão desde o plantio até a manutenção das áreas cultivadas. À tarde, de volta para casa, dedica-se ao quintal, regando as plantas, cuidando dos canteiros e garantindo que a produção siga constante.

Mesmo com uma rotina intensa, há espaço para pensar o futuro. Entre os planos, está a ampliação da produção, especialmente com a introdução de fruteiras, que podem diversificar ainda mais a alimentação e gerar novas possibilidades de renda. Outro sonho importante é a melhoria da estrutura da casa, com a construção de uma área mais ampla na frente, que represente mais conforto para a família. “É o sonho meu e do meu esposo, fazer essa área e melhorar tudo direitinho”, conta.



Além das mudanças na produção, a participação nas formações promovidas pela Diaconia também trouxe impactos importantes na vida pessoal e familiar. Ao falar sobre isso, Conceição destaca o quanto aprendeu sobre convivência, diálogo e organização da vida dentro de casa.

“Muitas coisas eu aprendi nessas capacitações, principalmente sobre convivência. Fui conversando com ele (esposo) e foi mudando mais ainda”, relata.



A divisão das tarefas domésticas e produtivas, nesse sentido, passou a ser construída de forma mais equilibrada, fortalecendo a parceria dentro da família. Essa dimensão, muitas vezes invisível, é parte fundamental da transformação que programas como o P1+2 promovem nos territórios.

A história de Maria da Conceição mostra que o acesso à água não cria uma realidade nova do zero, mas potencializa aquilo que já existe. No caso dela, fortaleceu uma trajetória marcada pelo trabalho, pela persistência e pela capacidade de construir, aos poucos, seu próprio caminho. A cisterna não trouxe apenas água, mas condições para que o quintal se tornasse produtivo, para que a alimentação melhorasse e para que a renda pudesse ser ampliada.